

Análise Dilógica do Discurso (ADD): história e alcance teórico-metodológico

Prof^ª. Dr^ª. Beth Brait (USP)

Para corresponder ao título proposto, esta comunicação está organizada em dois momentos. No primeiro, apresento, rapidamente, a recepção brasileira das obras de Bakhtin e do Círculo, caminho que redundou no que se denomina, de maneira exclusivamente brasileira, teoria/análise dialógica do discurso, insistindo no fato de que os diferentes trabalhos dos componentes do Círculo, elaborados ao longo de mais meio século, oferecem elementos teórico-metodológicos para uma concepção histórico-social-cultural da linguagem. Num segundo momento, para confirmar o alcance teórico-metodológico dessa ADD, apresento uma análise.

Estilo e gênero nos estudos do discurso

Helena Nagamine Brandão (USP)

Trabalharemos nesta comunicação com dois conceitos básicos: o que é estilo e o que é gênero; isto é, procuraremos entender a relação entre esses dois conceitos que parecem contraditórios, excludentes na medida em que o estilo tradicionalmente tem sido entendido como algo individual, e gênero como algo típico, comum a uma série de formas de produção da linguagem.

Partiremos das considerações críticas de Bakhtin sobre a estilística tradicional para se chegar àquilo que o autor preconiza como estilística do gênero. Sua concepção de estilo se alinha coerentemente à sua concepção de linguagem cujo princípio balizador é o do dialogismo. Segundo esse princípio, a linguagem se materializa, cria forma em enunciados concretos que se caracterizam por estarem voltados radicalmente para a alteridade. Consequentemente, a noção de estilo em Bakhtin não engloba apenas a noção de expressividade enquanto simples manifestação da valoração do locutor frente seu objeto de discurso. O estilo compreende também as tonalidades dialógicas, ie, a relação do locutor com seu interlocutor e suas possibilidades de percepção e recepção. Daí a importância da escolha pelo locutor do gênero adequado à situação de comunicação concreta. Partindo do pressuposto de que todo texto/enunciado se concretiza em um gênero de discurso e que as situações sociais em que emergem as diferentes formas de interação são inúmeras, os locutores dispõem de uma variedade enorme de textos que correspondem às necessidades da vida cotidiana (conversa, telefonema, notícia, email, manual, novela etc). Nesse sentido, opondo-se a uma referência clássica da estilística tradicional "O estilo é o homem" (Buffon, *Discours sur le style*, 1753), Bakhtin propõe "O estilo é pelo menos dois homens", isto é, o estilo é produto da interação social em que falantes, por meio de seus atos de enunciação, põem a linguagem em funcionamento.

Como a análise do discurso tem trabalhado essa problemática? Para responder a essa questão faremos alguns recortes teóricos tendo como referência a Análise do discurso centrada no aspecto enunciativo. Assumindo a posição de Bakhtin em relação ao gênero, operaremos com o conceito de cena de enunciação para refletir sobre a relação estilo e gênero na AD.

Analyse du Discours française et globalization

Dominique Maingueneau

On parle communément d'analyse du discours « française » pour désigner non l'ensemble des recherches d'analyse du discours réalisées en France mais certains courants d'analyse du discours. Ce sont ces courants qui exercent une influence au Brésil, au point que d'une certaine façon ils font aujourd'hui partie intégrante du paysage intellectuel brésilien. Dans cette communication je commencerai par m'interroger sur le sens que l'on peut donner à cette notion d'analyse du discours « française » quand on la rapporte au phénomène de globalisation de la recherche universitaire. Cela me permettra de considérer le cas du Brésil, où la notion d'analyse du discours « française » prend nécessairement une signification particulière.

Tradução: Luciane de Paula

É comum falarmos em análise do discurso "francesa" para designar não todos os pesquisadores da análise do discurso realizada na França, mas algumas vertentes da análise do discurso. São essas correntes que influenciam o Brasil, de tal modo que, hoje, elas são parte integrante do cenário intelectual brasileiro. Nesta comunicação, começarei por me perguntar sobre o sentido que podemos dar a essa noção de análise de discurso "francesa" quando a vinculamos ao fenômeno da globalização da pesquisa universitária. Isso me permitirá considerar o caso do Brasil, onde a noção de análise do discurso "francesa" tem necessariamente uma significação particular.

Reflexões sobre um dos possíveis caminhos tomados pela Análise do Discurso no Brasil

Ida Lucia Machado
Faculdade de Letras da UFMG

A disciplina “Análise do Discurso” (AD) foi se impondo no Brasil, ao longo dos últimos trinta anos. Diversas correntes metodológicas estão na base de diferentes grupos de pesquisa em AD, em universidades brasileiras, sendo que algumas se correspondem e se unem, seguindo à mesma filiação teórica. De todo modo, exceto para a corrente denominada *Análise crítica do discurso* que tem como fonte pesquisadores de língua inglesa (Fairclough, entre outros), todas as ADs que se instalaram e progrediram no Brasil são de tendência francesa. Algumas diretamente ligadas ao fundador da AD na França (Pêcheux), outras seguindo correntes que têm por base a linguística do discurso e as teorias de Bakhtin. Está nesse caso a metodologia conhecida como *Teoria Semiolinguística* (Charaudeau) difundida a partir de 1983 na França e 1992 no Brasil. Mas, uma vez em terras tropicais, todas as teorias sofrem necessárias aclimações: é o caso da AD no Brasil. Mesmo a de Charaudeau tem recebido consideráveis mudanças com o correr do tempo, tanto por parte de seu criador como por parte de seus seguidores brasileiros, entre os quais nós nos incluímos. Assim, outras teorias têm vindo associar-se à de Charaudeau em nossas análises brasileiras: queremos aqui citar as teorias argumentativas, de modo geral e de modo particular, a que tem sido desenvolvida pela teórica franco-israelense Ruth Amossy. A pesquisadora abriu-nos todo um campo de exploração de novos *corpora* (sobretudo o literário) com suas noções de “Dimensão argumentativa”. Ao lado dessas aquisições, abrimo-nos também à incorporação de dados de uma análise sociocrítica (Duchet, Amossy, entre outros). Por outro lado, pesquisadores do grupo NAD da FALE/UFMG, como Mendes, Menezes, Lessa e Machado têm enriquecido (cada um a seu modo) as teorias de Charaudeau seja propondo uma nova concepção de ficção; seja a ela acrescentando dados das ciências sociais (história e filosofia), seja tornando-a base de estudos de “*récit de vie*”. Enfim, o que gostaríamos de apresentar nessa comunicação estará pautado em nossa experiência como analista do discurso e coordenadora do grupo supracitado. Mas o que gostaríamos de deixar claro, já nesse *Resumo* é que para nós, todas teorias de AD que existem no Brasil são válidas e merecem nosso respeito. Afinal de contas, o Brasil é uma terra onde se cultiva e não se despreza a diversidade cultural.

Palavras-chave: Teoria Semiolinguística; Teorias argumentativas; Inovações analítico-discursivas.

Estudos do discurso no Brasil: rumos e diálogos da semiótica discursiva

Diana Luz Pessoa de Barros
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Universidade de São Paulo
CNPq
dianaluz@usp.br

Os estudos do texto e do discurso ocupam posição instável entre pontos bem estabelecidos pelos estudos da linguagem e, devido a essa característica, abrem-se mais aos diálogos com outras teorias, favorecem o alargamento do objeto e colocam-se no centro dos diálogos que constroem os estudos da linguagem, o homem e a sociedade. Dessa forma, os estudos da linguagem, graças aos do discurso, caminham para a multidisciplinaridade e para o exame de outras linguagens, além da verbal. Entre as diferentes teorias do discurso, examinam-se, nesta exposição, apenas alguns dos diálogos mantidos pela semiótica discursiva, de origem francesa, com outros estudos linguísticos, com os estudos retóricos, com os estudos literários e com os estudos de comunicação, marketing e publicidade.

**UM CASO DE LETRAMENTO OCULTO NO ENSINO DA ESCRITA:
TEMPORALIDADE E HISTÓRIA OFICIAL**

MANOEL LUIZ GONÇALVES CORRÊA

Fixando como pano de fundo as noções de letramento (Street : 1984; 1995) e de modelo de letramento acadêmico (Lea & Street : 2006), procuro, neste trabalho, aproximar o “letramento oculto” no ensino de escrita na universidade (Street, 2009) de reflexões produzidas no campo dos estudos da linguagem. Refiro-me, basicamente, a duas aproximações possíveis: (a) à noção de “presumido cultural” proposta por Voloshinov/Bakhtin (s/d: 1926), no campo da teoria da enunciação de filiação bakhtiniana; e (b) às determinações do quadro institucional em que o discurso é produzido, no campo dos estudos do discurso (Maingueneau, 2007). O objetivo é compreender o “letramento oculto” por meio de reflexão sobre o funcionamento da linguagem. Para tanto, lanço hipóteses sobre o trabalho com as temporalidades detectado em textos escritos, produzidos em duas diferentes situações de avaliação: (1) por universitários formandos em Letras ao reproduzirem um fragmento de texto narrativo no Exame Nacional de Cursos (Provão de Letras/2001); e (2) por pré-universitários (candidatos do vestibular/2006 da Fundação Universitária para o Vestibular – FUVEST – da Universidade de São Paulo) ao produzirem uma dissertação. Verificou-se, nos dois conjuntos de textos, a preferência por uma linearidade cronológica como recurso de coesão seqüencial e de organização de arranjos temporais para os textos. Essa linearidade parece remeter ora a um saber informal sobre a relação de causalidade estabelecida entre fatos situados em dois marcos temporais que se sucedem, ora a um saber escolarizado sobre a ordenação de fatos históricos, não se excluindo, ainda, a combinação desses dois tipos de saberes. No caso do saber escolarizado, essa ordenação parece estar ligada à institucionalização de uma concepção de história muito próxima da história oficial ensinada na escola.

PALAVRAS-CHAVE: letramento oculto, letramento acadêmico, presumido cultural, discurso.